

O VISCONDE DO RIO BRANCO

A. d'Escragnolle Taunay

O VISCONDE DO RIO BRANCO

ESBOÇO BIOGRAPHICO

RIO DE JANEIRO

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, RUA D'OUVIDOR 31

—
1884

A 923.281
R 585 K
✓

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob núm o 8341

do ano de 1946

1.º DE NOVEMBRO DE 1884

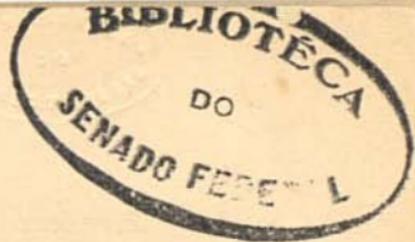
A' Memoria

DE

UM GRANDE CIDADÃO

E ESTREMECIDO AMIGO

Homenagem de saudade, reconhecimento
e admiração.



ALGUMAS PALAVRAS PRÉVIAS

I

No dia 1 de Novembro de 1880, ás 7 horas menos cinco minutos de uma tarde sombria e que ameaçava temporal, soltou o ultimo suspiro o Visconde do Rio Branco, na casa que habitava á rua do Conde de Bomfim n.º 75 (Andarahy).

Tinha de idade 61 annos, 7 mezes e poucos dias.

Como homenagem á memoria do illustre estadista e no anniversario dessa morte, tão prematura para as necessidades da patria brasileira, quanto por ella pranteada, publico hoje o esboço que, de parte d'aquella vida cheia de eminentes serviços á causa publica, escrevi em francez e nos fins de 1874, com destino a uma revista européa.

Trouxera a incumbencia recommendação de alguma pressa e, sem maiores desenvolvimentos, ajudando-me dos elementos deficientes que fui encontrando, entreguei, nos começos de 1875, o manuscrito em mão do meu bom amigo, José Maria da Silva Paranhos Junior, hoje conselheiro, filho extremoso e constante zelador das glorias do seu eminente pae.

Quiz o Visconde do Rio Branco ver o trabalho e, tomando-o, prometteu annotal-o cuidadosamente e completal-o com o que lhe fosse ministrando mais positivo a memoria, aliás fidelissima e quanto possível lucida até aos ultimos instantes da vida.

Infelizmente não se realisou a promessa.

Os encargos da administração superior n'um final de ministerio que se tornára difficillimo e até angustioso, não lhe deixavam folga para muita cousa.

Fôra do poder em 1875, pela demissão que o gabinete de 7 de Março pedio a Sua Magestade o Imperador a 24 de Junho, fallei-lhe n'essa publicação e na conveniencia de alargar o quadro em que fôra traçada, trabalhando nós dous em commum, para darmos as devidas proporções á obra de tamanho vulto.

— Mais tarde, objectou-me o Visconde com aquella benevolencia com que sempre me distinguio. Agora me sinto ainda mal ferido de todos esses

acontecimentos ultimos, que tanto me magoaram e estavam fóra das minhas previsões.

Esse mais tarde foi se alargando.

II

Na Europa, quando lá nos achámos juntos em 1878, referio-se elle por vezes á urgencia de encetarmos, nós dous, o trabalho projectado, fazendo cousa de folego, coordenando as notas e apontamentos que já lançára no papel e compulsando valiosos documentos, de que tinha grande cópia, pois se achára, durante muitos lustros, pessoalmente envolvido nos maiores successos da vida politica e social do Brazil.

— Tenho muita anecdota historica que lhe contar, dizia-me elle, muitos ditos authenticos, que darão interesse á sua narração. É o que infunde tamanho encanto á obra de Plutarco.

E então discorria com familiar eloquencia, nunca descurando a phrase, nem deixando passar esses lapsos tão frequentes em conversações mais intimas.

Uma vez, fiz n'isso reparo.

— Ao Marquez de Abrantes, explicou-me elle, devo este habito. Nada ha que eduque um orador, como esse cuidado e attenção, até nas locuções mais

triviaes. Nem o Snr. imagina, quanto o velho Abrantes era cauteloso no seu modo de dizer, e ao mesmo tempo um espirito gracioso e attico, embora um tanto mordaz.

N'outra occasião, estranhou-me o Visconde que, no ensaio biographico, houvesse parado no triumpho que o ministerio, por elle presidido, alcançara em 1871.

— Parece, disse-me com aquelle sorriso expressivo que tanta vivacidade dava a toda a phisionomia, que o Snr. faz pouco nos serviços do 7 de Março, posteriores á lei de 28 de Setembro. Pois, é injustiça. Conseguimos ainda muita cousa duradoura e util. Tanto se interessa pelas questões de immigração, e nunca fallou no desenvolvimento a ellas dado pelo ministerio, idéa complementar do pensamento inspirador daquella reforma?

Repliquei-lhe, que, como bellamente sabia, aquellas paginas nada mais eram do que simples esboceto, verdadeiro artigo de revista, cujo fim principal fôra mais particularmente fallar a um circulo de leitores francezes sobre a lei do ventre livre, mostrando o modo pelo qual se conseguira tão assignalado triumpho legislativo e indicando-lhes o passo que, em tão grave assumpto, déra afinal o Brazil.

— É verdade, concordou, temos ainda muita cousa que dizer, e havemos de o dizer.

No meu livro de viagem, tomei nota d'essa conversação, que occorreu em Londres, a 2 de Outubro de 1878, estando nós alojados no Buckland's hotel, em Grosvenor Square.

III

A 9 de Janeiro do anno seguinte de 1879, reconheceu, porém, o Dr. Labbé e diagnosticou o terrivel mal de que veio a fallecer o Visconde, e desde então, com intermittencias, que se foram tornando cada vez mais breves, metteu-se de per-meio a todas as idéas constante e justificada preocupação, que só lhe consentio preencher os deveres, aliás bem arduos e porque eram deveres, de senador do Imperio e conselheiro de Estado, pois o grande estadista morreu, para assim dizer, trabalhando e com a penna na mão.

Foi a 14 de Janeiro d'aquelle anno de 1879, que o Dr. Verneuil applicou-lhe, pela primeira vez, como cauterio o acido chromico, contra a opinião formal dos Drs. Labbé, Guillon, Bouchard e Barão de Theresopolis, que vehementemente opinavam por immediata operação chirurgica, pois havia seguros e tranquillizadores signaes, de que ainda não irradiára o mal pela região do pescoço.

Infelizmente essa operação, supportada aliás com pasmosa energia, um anno depois, foi feita quando já era tarde, e talvez se tornassem então mais efficazes para a conservação de tão preciosa existencia os simples meios palliativos.

Perguntei-lhe, em certa occasião, quando já se mostrava inquieto e sobresaltado, embora procurando guardar sempre a maior calma e ostentando confiança em prompta cura, porque não tentava, para distrahir-se, escrever suas memorias, que tão valiosas haviam de ser para a elucidação da nossa historia politica, no segundo reinado.

Com sorriso melancolico, replicou-me :

— Hoje não quero mais lembrar-me do passado. Demais, estou me sentindo fraco de corpo e abatido de espirito.

Não tardou o mal a aggravar-se, e em fins de Outubro de 1880, dêpois de bem pronunciados os symptomas de profunda e geral cachexia, aquelle possante cerebro que tanto pensára, reflectira e combinára em beneficio e para gloria do Imperio americano, foi salteado de uma meningite, que fez agonisar durante alguns dias, ainda que sem o apparatus de grandes soffrimentos, o estadista brasileiro.

Como dissemos, falleceu a 1 de Novembro de 1880.

IV

Nos muitos papeis que o seu filho, Dr. Paranhos, encontrou dispostos com admiravel ordem, existia um rôlosinho que me foi logo entregue, pois trazia escripto em cima a seguinte indicação: « Para o Snr. Taunay ».

Era o presente esboço biographico, com algumas notas a lapis azul, infelizmente escassas de mais, mas que vão publicadas como existem e dão valor — tão sómente ellas — ao meu imperfeito trabalho, mais de compilação do que de lavra propria.

Publico-o, porém, como o escrevi, sem nada lhe alterar, quer na fórma, quer no fundo.

De certo, se fôra a retocal-o, tendo em attenção o influxo dos factos que, n'um intervallo de já 10 longos annos sobre mim actuaram, como devem ter actuado sobre o espirito de todo o homem politico, modificando muitas prevenções e até antipathias, outra fôra, em varios pontos, a minha linguagem, principalmente ao ter que referir a grandiosa lucta da sessão parlamentar de 1871, mais brandas as minhas apreciações, menos ardente o assignalamento da dissidencia, que scindio em dous grupos a grande familia conservadora.

De proposito, quiz eu, entretanto, deixar bem indicada a época em que externei aquellas impressões,

vendo n'isso o cunho da verdade, que o escriptor consciencioso deve buscar imprimir aos seus trabalhos.

Hoje, decorrido prazo não pequeno, apagado o vigor de recordação d'aquellas batalhas titanicas da intelligencia que, embora sem consequencias perigosas e até pelo contrario salutarmente, abalaram toda a sociedade brasileira, outro fôra o meu modo de contar as cousas, conservada, comtudo, a mesma norma de apreciação critica.

Tolhia-me importante consideração de ordem moral, além do mais, se quizesse modificar qualquer phrase, abrandar a minima expressão, descorar a vivacidade e animação das scenas que então se deram: é que assim poderia diminuir a gloria do Visconde do Rio Branco, já morto, — caso da minha singéla narrativa resalte alguma honra para o biographado — sacrificando-a ás conveniencias tributadas a politicos cheios de vida e de prestigio.

No desagrado d'estes prefiro incorrer, convencido aliás de que, conhecido esse escrupulo, saberão applaudil-o, vendo naquella reproducção das scenas de 1871, a necessidade que nós, conservadores, temos da união e cordialidade de relações, que nos tem feito tantas vezes triumphar e tamanho ciume causam aos nossos adversarios.

V

O que, porém, não devo eu ao Visconde do Rio Branco?

Sua memoria e as saudades que d'ella decorrem, são tão vivas e constantes no meu espirito, que o collocam, no sanctuario dos meus pensamentos predilectos, ao lado dos dous homens a quem mais affeição e apreço dediquei n'esta vida: meu pae, o barão de Taunay, e meu sôgro, o barão de Vassouras.

E por vezes, como que me comprazo em unil-os, a todos tres, em methaphysico convivio, encerrando-os no mesmo circulo de recordações; nem entre elles ha flagrantes disparidades moraes, embora aos dous primeiros, Taunay e Rio Branco, exornassem riquissimos dotes de saber e experiencia, este pondo-os em contribuição nas mais eminentes posições politicas e sociaes, aquelle, desgostoso e retrahido por se vêr desapreciado na communhão brazileira, pela qual tanto se esforçara e tanto poderia ter feito.

Ao barão de Vassouras, faltavam, de certo, cabedaes de instrucção e sciencia, mas que admiravel bom senso, que bondade de coração, que conhecimento dos homens e quanta complacencia,

que desapêgo de mundanidades, quanta modestia leal, sã, commovedora em sua sinceridade!

Todos tres com habitos admiraveis de ordem, suave gravidade e compostura; todos tres, obediêntes a instigações da esphera mais elevada e enternecedora.

N'este ponto, era meu pae inexcedivel, e com sua possante organização artistica que não teve, contudo, completa expansão, attingia proporções que os outros dous, aliás notaveis n'esse mesmo ambito, não podiam aos meus olhos alcançar.

E que instrucção litteraria e scientifica, a d'elle! Que estudo profundo do grego e do latim! Não andava sem o seu Pindaro, ou Eschylo, ou Persio no bolso. Que cópia de informações, sempre exactas, sempre conscienciosas, promptas para qualquer pergunta, sem o minimo esforço!

— Eu e o senhor, disse-me uma vez Sua Magestade o Snr. D. Pedro II, tivemos a felicidade de conhecer quanto valia seu pae.

E que admiração pela natureza! Quanto gôzo puro, immaterial, inexgotavel, colheo na continua contemplação das esplendidas perspectivas brasileiras, até tres annos antes da sua morte, quando dos olhos lhe fugio a luz!

Tambem foi a sua ultima saudação: « Adieu! belle nature du Brésil!

VI

A meu pae, devo o respeito e veneração que, desde verdes annos, consagrei ao Visconde do Rio Branco.

Muitas vezes, o ouvi exclamar, eu bem menino.

— O Paranhos é a primeira cabeça do Brazil.

E com certa melancolia:

— Infelizmente não quer tomar a peito a causa da grande naturalisação. Elle e o Salles Torres Homem dariam conta da tarefa!

Comecei a mais de perto conhecer o conselheiro Paranhos, na phase ultima da guerra do Paraguay, antes da campanha da Cordilheira, em Assumpção e nos acampamentos de Luque, Tacuaral e Pirayú, onde frequentemente apparecia para conferenciar com Sua Alteza o Snr. Conde d'Eu e generaes das forças alliadas, argentina e oriental.

Quando eu ia á capital, hospedava-me, a convite, em sua residencia, que era um dos palacios de Assumpção, habitado outr'ora, se não me falha a memoria, pelo general Resquin, á rua Estella.

D'esse tempo de convivencia foi que se originaram essas reaes sympathias, de que me deo innumeradas provas o Visconde do Rio Branco, algumas até de amigo verdadeiro.

Chamado á presidencia do gabinete de 7 de Março e occupando interinamente a pasta da guerra, por muito espontanea lembrança, mandou-me chamar para seu official de gabinete, embora estivesse eu ainda a concluir o ultimo anno de estudos na Escola Militar da Praia Vermelha, interrompidos por 5 annos de campanha, durante os quaes fui membro de commissões de engenheiros, secretario de Sua Alteza o Snr. Conde d'Eu e escrevi e publiquei as minhas primeiras obras.

O que aprendi junto ao Visconde do Rio Branco, no gabinete de trabalho e vendo-o preparar as armas para a esplendida batalha de 1871, foi immenso; antes do mais, a exactidão e methodo na expedição e analyse de qualquer documento ou papel official, por menor que fosse a importancia.

Era admiravel a paciencia e inalteravel cuidado, com que, no expediente diario das secretarias de Estado, conferia, e fazia-me conferir, de legislação em punho, todas as datas e referencias de avisos e decretos com as suas ementas.

Qualquer ligeira claudicação que achassemos, um algarismo trocado, uma data errada, era especie de triumpho, que logo lhe trazia aos labios um sorrisozinho, ao passo que, como lhe era peculiar, enrubescia-se-lhe a testa, aberta em bella e funda calva.

— Veja, veja o que ia passando, costumava dizer: risque tudo e recambie para a secretaria.

Até no modo de assignar o nome, tinha norma certa e methodica. Escrevia-o todo, sem punctuar os ii, e depois voltava a procurar quantos devessem levar o competente pingo. Em seguida, entornava pequena porção de areia e cautelosamente a fazia correr para o areieiro.

Se nas menores cousas era assim, quanto não apurava nas de grande monta!

O Visconde fumava muito, quasi constantemente, e sempre charutos, o que concorreu para exacerbar o mal de que soffreu e que já em Lisboa, no mez de Setembro de 1878, em viagem para Bordeaux, lhe causava na boca algum incommodo, a que não ligou importancia, por attribuil-o, durante bastante tempo, á ponta de um dente, que lhe magoava a mucosa, na porção interna da face esquerda.

Não trabalhava, porém, fumando; puxava uma longa fumaça e depositava ao lado o charuto, enquanto escrevia, deixando-o largo tempo, se a phrase lhe corria a sabôr, ou tomando-o repetidas vezes, se encontrava difficuldades na enunciação bem clara e completa das idéas que queria exprimir, assignalamento aliás caracteristico do seu estylo, muito poucas vezes guindado e ataviado de galas,

porém sempre limpido, correcto e com seus resaibos de purismo quinhentista.

Redigia com summa facilidade e enchia de momento folhas e folhas de papel, deixando comtudo largo espaço entre as linhas. A razão é que nunca despachava o trabalho como fôra escripto. Ao relel-o, começava a emendal-o, enchia as entrelinhas, riscando o que julgava dever ser sacrificado. Não raro, acontecia inutilisar tudo quanto já estava feito, recomeçando a escrever de principio a fim, mas sem se esquecer das entrelinhas para novas correcções.

VII

Como orador parlamentar, era o Visconde do Rio Branco eminente, e bem vivas estão ainda as recordações dos seus triumphos. Assim como nos escriptos, procurava ser sobretudo claro, incisivo, embora com isto se tornasse por vezes prolixo. Reparavam a repetição de argumentos e até de phrases inteiras; mas tantas vezes era obrigado a fallar e a subir á tribuna, que assim havia de acontecer.

O que, porém, ninguem jámais lhe contestou foi a sua indole de orador, prompto sempre para tomar a palavra e esclarecer o debate, gyrasse elle em qualquer esphera.

Felicissimo em muitos improvisos, argumentador cerrado nas discussões calmas, nunca desanimado ou monotono, tomava grande calor nas sessões tempestuosas, alcançando então notaveis efeitos oratorios.

Na tribuna era de admiravel compostura, para o que lhe ajudavam a physionomia tão serena nos debates calmos, quanto illuminada nos tumultuosos, a presença altiva e nobre, a gesticulação sobria e calculada.

O movimento predilecto era com o braço direito, que erguia habitualmente, levando a mão quasi fechada e o indicador levantado; o que, por vezes, provocou observações dos adversarios.

O braço esquerdo, mantinha-o, no geral, em quietação, conservando a mão apoiada nos dedos abertos e encostados á balaustrada do recinto das camaras, ou á mesa da bancada dos ministros.

Tambem, de vez em quando, ao ter que preparar qualquer lance mais energico ou responder a algum aparte que mais o impressionasse, costumava puchar para fóra os punhos da camisa, o que fazia com um movimento de distensão de ambos os braços, gesto porém discreto e elegante.

Frequentemente tambem levava o lenço á frente, enxugando-a de leve como que com uma esponja, pois ahi transpirava abundantemente, ficando cheia

de gottasinhas de suor, ao passo que a calva se conservava secca e brilhante.

Nunca se apresentava, na qualidade de senador, á camara dos deputados, senão de casaca, trazendo ao peito o officialato da ordem do Cruzeiro.

VIII

Sobremodo sympathico e attrahente, era o todo do Visconde do Rio Branco. Perfeito diplomata, incutia logo á primeira vista a impressão de que alli havia um estadista, auxiliado em suas vistas e carreira pela delicadeza e maneiras de perfeito *gentleman*.

De elevada estatura, bem proporcionado nos membros, tinha uma cabeça quanto possivel denunciadora da alta intelligencia. Fronte larga, espaçosa, abrindo em funda calva, muito alva e luzidia; tez clara e rosada; sobranceiras mais rectas que arqueadas; olhos gazeos, pequenos, porém em extremo expressivos; nariz aquilino e cuja ponta, quando reflectia, costumava puxar — gesto familiar tambem ao filho — boca muito espirituosa, séde continua de um sorriso affavel, que se tornava ligeiramente ironico, quando pretendia contar qualquer caso engraçado; labios finos, talvez de mais, com breve commissura e como que cortados por um

golpe ; queixo forte, pronunciado á maneira de um queixo de romano, com uma cova em baixo e bem no meio ; oval regular, emmoldurado por suíças á inglaterra um tanto onduladas e enroscadas sobre si, já por natureza, já por gesto familiar de quem as usava e assim as ageitava. Do lado das fontes, costumava dispôr alguns cabellos sedosos e argenteos, que puchava de detraz das orelhas pequenas e sempre rubras.

O sorriso do Visconde do Rio Branco era a luz que illuminava todo esse semblante agradavel e correcto, como que estereotypado n'aquelles labios finos, á maneira do riso mysterioso e tão característico nas figuras de Leonardo da Vinci : por mais dolorosa que seja a impressão que as domine, parece, com effeito, que sempre estão sorrindo.

Quando elle via alguém que lhe agradava mais de perto, então tinha um acolhimento adoravel, e aquelle sorriso tornava-se saudação affectuosa e franca, positivamente incomparavel.

Quantas vezes experimentei essa sensação, quantas !

Se alguma inquietação o perturbava, o que comtudo procurava cautamente disfarçar, então o sorriso, sempre a adejar alli nos cantos da boca, tomava um quê de ausente, distrahido e deslocado, cousa aliás que logo os intimos sabiam reconhecer.

Extremamente variada, interessante e espirotuosa era a conversação particular do Visconde do Rio Branco. Gostava de fallar e expressava-se tão bem em todas as occasiões e sobre qualquer assumpto, que os outros facilmente cediam da palavra e se empenhavam só em ouvir-o.

Na viagem á Europa, são sem duvida das minhas melhores impressões as vezes, que eu ia visital-o e o ouvia discorrer horas inteiras, n'uma boa sala, ao conchego quente do fogo, emquanto, fóra, o vento do inverno gemia, atirando punhadas de neve de encontro ás vidraças da janella.

Cautelosissimo em fugir de phrases, expressões ou casos equivocos e de moralidade duvidosa, se tinha que contar qualquer anecdota que lhe parecia picante, procurava rodeios, encobrendo os pontos difficeis com uma risada crystallina e sonora, ao passo que a testa e a calva se tingiam de sensível rubôr.

IX

Em sciencia administrativa e financeira, em economia politica, historia, geographia, eram os conhecimentos do Visconde do Rio Branco profundos, ajudados sempre por memoria admiravel, pelo traquejo da alta politica e experiencia das cousas e

dos homens e firmados na base solidissima, que para tão alteroso edificio haviam constituido os sérios e applaudidos estudos da mathematica e sciencias physicas e naturaes, além da nautica.

D'elles decorriam tambem habitos de uma argumentação concisa, travada, em que os raciocinios se prendiam, em sua deducção logica, como élos de irrespondivel demonstração algebrica.

A sua educação litterararia, embora variada e que se ia de dia em dia avolumando, não chegava ás proporções d'aquelles outros conhecimentos; mas difficil era encontrar-lhe falha saliente, não só ahi, como até em estudos completamente fóra da larga orbita da sua actividade intellectual; por exemplo, sciencias juridicas, em que por vezes manifestou meditação e leituras de pasmar, dando-lhe elementos para discutir com jurisconsultos e poder até fazer-lhes frente.

Em bellas-artes, como era o primeiro a reconhecer, lhe falleciam os meios de apresentar juizos seguros, pelo que se retrahia cautelosamente, quando a conversação tomava esse rumo.

E por isso na Europa, era o seu cuidado principal penetrar-se do sentimento artistico, buscando os musêos e galerias, onde se demorava largas horas na analyse das obras primas do engenho humano; e com as qualidades de prodigiosa assimilação que tinha o seu espirito, quantos então o cercavam

admiravam as successivas conquistas que ia fazendo em campo tão differente de todas as suas anteriores occupações.

Rarissimas vezes sahia o Visconde do Rio Branco da inalteravel calma. A paciencia era n'elle caracteristica.

Durante as discussões mais graves nas Camaras, urgido pelo tempo, costumava tomar as refeições em seu gabinete de trabalho, no segundo andar da casa que então habitava, á rua do Conde, hoje Visconde do Rio Branco, n.º 51, casa historica e que sem duvida merece a honra de uma placa commemorativa.

N'uma occasião, instava pelo almoço, eram onze horas e discutia-se a licença do Imperador. Por vezes despachára o seu fiel criado, mais amigo do que criado, Jacob, para que lhe trouxessem de baixo qualquer cousa.

Demorando-se ainda, levantou-se e foi ao patamar da escada.

— E esse almoço? perguntou levantando jovialmente a voz.

Era quando subia um criado, trazendo larga bandeja.

Nem de proposito. O portador tropeçou e o almoço rolou pela escada abaixo, emquanto o rapaz contemplava meio assustado ao Visconde.

— Não faz mal, observou este rindo-se, hoje não almoçarei. Depressa, traga-me uma chicara de chá e alguns biscoitos.

E com isso contentou-se, seguindo á toda a pressa para a Camara, d'onde regressou extenuado de forças, tendo sido obrigado a fallar alli e no Senado.

D'essas luctas parlamentares ás vezes voltava prostrado e vencido de cansaço. Então, vestido como estava — uma feita até de farda de gala e coberto de condecorações — atirava-se n'um leito volante e alli ficava, com os olhos fechados, e como que a dormir.

X

No esboço biographico que adiante se verá, fui exagerado, simples encomiasta, thuriferador do homem no poder ou obcecado pelos sentimentos da admiração e da amizade?

Não ; d'isso tenho plena consciencia.

O Visconde do Rio Branco está hoje julgado.

Senão, bastariam as entusiasticas manifestações, que em vida recebeo de todo o Brazil e principalmente, por occasião da sua volta da Europa, quando, a 30 de Julho de 1879, a população do

Rio de Janeiro levantou-se, e toda, para assim dizer, foi ao seu encontro.

Um delirio!

Extraordinario, unico, o spectaculo do seu recebimento fóra da barra, por uma manhã esplendida, quando todas as cumiadas da cintura granitica d'esta capital se toucavam com os primeiros clarões do sol, parecendo outros tantos fachos de deslumbrante luz a accender-se ante os passos de um triumphador!

E as flammulas festivas a ondular, as acclamações, a anciedade geral por vê-lo e abraçal-o, desvanecidas as inquietações, que noticias vagas vindas da Europa já suscitavam a respeito da sua saúde!

Que dia extraordinario! Que victoria alcançada pela intelligencia e dedicação patriotica de um grande homem!

São as compensações — se ha compensações possiveis — da terrivel e esmagadora politica!

E uma vez, o Visconde do Rio Branco morto, quantas demonstrações de pezar! Durante mezes e mezes vieram os jornaes e folhas de toda parte, até do extremo Oriente europêo, repletos de artigos de condolencia, partindo dos mais ignorados pontos d'este Imperio, indicações de que a sua vida, no

pensar de todos, era para a patria um pharol que se apagára.

E quanta falta não nos faz e nos tem feito?

Aliás, bem desculpavel fôra em mim qualquer sentimento de parcialidade, pois serve-me de invencivel estímulo a recordação do quanto me estimava o Visconde do Rio Branco e do alto conceito que de mim fazia, depositando na minha pessoa esperanças exageradas, e filhas, de certo, de uma amizade, que ia cada vez mais tomando vulto e se enraizando.

Tenho de dar as provas, e dal-as-hei sem vacillação alguma, transcrevendo da correspondência, que largos annos com elle troquei, e talvez um dia publique, tres cartas que, por serem de quem são, vão pôr fecho precioso a esta longa e tosca introducção.

Eis a primeira, quando me achava na presidencia de Santa Catharina, e em resposta áquella em que eu lhe participava o nascimento do meu filho Affonso:

« Rio, 23 de Outubro de 1876.

« Meus parabens! Alegra-me o coração saber o nascimento feliz do seu primogenito. Receba-os, como expressão da mais intima amizade.

« Eu o acompanho em sua campanha presi-

dencial, e ella me faz saudades do tempo em que podia imital-o e colher louros tão virentes, como os que vai encontrando em sua marcha progressiva.

« Não pense, porém, que me trava o amargo gosto da inveja, por menor que seja; não, que até me attribuo, não sei se com algum fundamento, uma parte n'esses triumphos, tendo sido dos primeiros a reconhecer-lhe azas de aguia.

« Deus o ajude e lhe dê mil prosperidades.

« A opposição liberal nunca vio tanta fortuna, mas é fidalga que tudo julga vir-lhe do *pur sang* e se deleita em exagerar os lances felizes, como prodigios da sua força popular contra a pesada clava da tyrannia conservadora.

« Terão uns 20 representantes na futura Camara, mas blasphemam contra a lei e negam tudo quanto devem a esta e ás outras reformas politicas do nosso tempo.

« A verdade, porém, sobrenada a essas torrentes da paixão partidaria e dos interesses individuaes.

« Consta-me que o Snr. de Nictheroi tem ganho forças em Baependy.

« Brilhe, que o espera jubiloso o seu

« affectuoso amigo e criado,

« V. DO RIO BRANCO. »

XI

A segunda carta é escripta de Roma, a 25 de Março de 1879.

« Escrevo-lhe da Cidade Eterna, onde estou desde a noute de 13, e n'este dia que recorda quanto os nossos adversarios tem apunhalado a obra monumental de 1824.

« Muito obrigado pela segurança que deu aos amigos communs contra o malevolo boato que espalharam de que eu me achava em risco de grave enfermidade. Eu o previ e temi, pelo que tomei cautélas quanto á minha familia. Estou bom do tal epithelioma que, como sempre pensei, não tinha origem nem tendencia perigosa. Viva o Dr. Verneuil que me poupou grave incommodo e talvez molestia prolongada, porque a epiderme interna da boca, no lugar da excrescencia, estava tão hypertrophiada pela acção do charuto e dos toques da escova de dentes, que a cicatrização talvez fosse muito difficil.

« Roma prende a attenção pelas suas antiguidades profanas e religiosas. O seu estado physico é desagradavel e pôde mesmo n'esta estação ser nocivo. Todavia tenho passado bem, e bastaria a Basilica de S. Pedro e a Igreja de S. Paulo para

dar por bem empregado o trabalho e custo d'esta viagem.

« Celebrei os meus annos (16 de Março), ouvindo missa cantada na Cathedral de S. Pedro, o que tenho por grande favor de Deus.

« Fui recebido pelo Santo Padre, pelo Rei e pela Rainha. De todos recebi o mais honroso e benevolo acolhimento. Contar-lhe o que tenho visto ; fica isso para o Rio, se Deus quizer, n'aquellas nossas boas palestras.

« Falta-me vêr Napoles. Vi todo o Sul da França (Lyon, Marselha, Toulon, Nice e Menton). De Nice vim por Genova e Pisa, parei 2 dias alli e um n'esta cidade. Voltarei por Florença, Bologha, Turim, Milão e Veneza, para entrar na Allemanha por Trieste.

« Custa-me já o andar com as malas ás costas, mas é preciso cumprir a missão, que eu me impuz e que agora se tornou quasi obrigatoria.

« Tenho lido as nossas discussões. Com effeito, nunca pensei que em 1878 e 1879 tivesse de presenciar tantos excessos. No senado, nossos amigos têm brilhado. Como é que o Snr. Dantas e Saraiva disserão, que o 25 de Junho quiz arripiar da carreira seguida pelo 7 de Março? Eu governei sem meios extraordinarios e deixei a maior parte de

um emprestimo vantajoso. E o 7 de Março é que damnificou as finanças?

« Mas os liberaes querem semear a discordia e forão levados naturalmente a isso pelas observações de um nosso amigo que estranhava que se occupassem com elle, que não aspira ao poder e entende até que loucos serão os conservadores, se não deixarem ir a experiencia dos liberaes, até dar todos os seus fructos.

« Quanto aos armamentos, não se sabe que a Republica Argentina se armava? Não ha provas de que solicitou allianças contra o Brazil na Bolivia e no Perú? E os liberaes dizem que o armamento era inutil, como o facto provou depois. De sorte que armar-se para evitar uma guerra, é melhor do que provocal-a, como a do Paraguay? Lord Beaconsfield e seu ministerio, que qualificação merecem, á vista de semelhante conceito?

« Estimo cordialmente as melhoras do senhor seu pae. Quanto aos soffrimentos do meu joven e bom amigo, espero em Deus se dissiparão com o tempo.

« É, porém, preciso que não pense tanto n'isso e não queira lêr muito nos livros e dictionarios de medicina. A imaginação, como sabe, entra por muito em nossos padecimentos e, fóra dos casos agudissimos, devemos confiar mais na

força medicatriz da natureza, do que na arte humana.

« Vão mal, voltando á politica, as nossas cousas; mas Deus protege o Brazil. Os erros financeiros têm sido grandes e repetidos, depois da éra da regeneração; mas a verdade ha-de impôr-se á cegueira dos que governam, e terão elles de recuar, antes de cahir no abysmo. Decretam-se mais 3 estradas de ferro e despendem-se 40 mil contos, e dizem que os conservadores tem a culpa! Desfalca-se a renda da Alfandega do Rio Grande do Sul em mais de 2 mil contos de réis com exagerada tarifa especial, e não querem que o deficit cresça!

« Meu amigo, dóe muito aprofundar estas feridas. Paremos aqui.

« Meus respeitos á sua senhora, D. Christina. Saudades muitas ao Snr. de Nictheroi, cujo sinistro marítimo me causou forte impressão.

« Meu filho deve escrever-lhe, mas não recebeo a carta a que allude. Elle tem tambem a paixão dos quadros e anda sempre armado de livros de consulta, com os quaes conversa por toda parte e a cada momento. Eu gosto mais dos estudos anthropologicos.

« Estou ancioso pelo dia em que os possa ahi abraçar, tendo completado a parte essencial da minha excursão pela Europa. Não sei ainda se terei

tempo e animo para ir aos Estados Unidos. Depois do aspero inverno de Paris, temo um verão cruel por aquellas regiões até ao Pará.

« Seu affectuoso amigo e criado,

« V. DO RIO BRANCO. »

XII

A outra é datada de Londres aos 23 de Junho de 1879, em resposta a uma carta, em que eu lhe fallava da anciedade com que o esperavamos aqui e das manifestações que lhe preparavam.

« Como é sempre bom e amavel para commigo o meu valente auxiliar das luctas ministeriaes, o meu companheiro de viagem por este mundo, que carece de ser americanizado, emfim o general Taunay!

« Recebi o seu favor de 30 de Abril. Veio encontrar-me em Londres, aonde cheguei, por via de Ostende, depois das minhas campanhas do Sul da França, Italia, Allemanha, Hollanda e Belgica.

« Se me dessem uma sorte grande de 100 contos de réis, para repetir essas façanhas, com a mesma rapidez, á fé de christão, que as não repetiria.

« Fiquei cansado, e preciso reflectir sobre o que vi, ouvi e li. Roma fez-me mais religioso e

algun tanto apreciador seguro das bellas-artes, como toda a Europa me fez mais brasileiro do que eu era.

« Saiba que não me escapou em Dresda a *Madonna de S. Sixto*. Lá estive, bem como em Francfort (antes em Munich), Hamburgo, Wiesbaden, Cologne e Essen. Está entendido, que da Allemanha vi também Vienna e Berlim.

« Lá me terão no fim de Julho ou até 2 de Agosto. Parto de Southampton a 9 de Julho proximo futuro, no paquete *Elbe*, que é dos melhores.

« Não antecipo o meu regresso por causa da nossa politica, bem que, como vio aqui, não seja indifferente ao que se passa entre nós. Vou a toda a pressa, porque a minha companheira de 37 annos ⁽¹⁾ está doente e muito desanimada. Procurei levantar-lhe o espirito com esse annuncio pelo telegrapho, a 13 do corrente.

« Não creio que eu seja ahi necessario. Onde está o órgão dos conservadores na côrte? *Os a pedido*

(1) Casára em 1843 com a Exm.^a Snr.^a D. Thereza de Figueiredo Faria, hoje Viscondessa do Rio-Branco e residente em Paris, senhora de elevadas virtudes, que teve a desventura de, com breves intervallos, vêr desaparecer duas filhas na primavera da vida, um genro e o illustre esposo. Do seu enlace teve nove filhos. D'esses, o mais velho é o conselheiro José Maria da Silva Paranhos, nosso consul geral em Liverpool, cavalheiro distincto, que herdou muitas das peregrinas qualidades do inclyto progenitor. O Dr. Paranhos com as annotações que fez á traducção da obra do conselheiro Schneider — *A Guerra da Tripllice Alliança*, enxertou uma obra preciosa, exacta e nova n'aquelle livro, escripto com as melhores intenções, mas infelizmente eivado de inexatidões e erros. Ninguém sobreleva o Dr. Paranhos em amor aos paes e á terra natal, cujos creditos zéla quanto pôde, e em qualquer occasião.

do *Jornal do Commercio* tem character official do partido?

« Emfim lá conversaremos longamente, e sobre muitas cousas.

« Sabe que gosto de merecer e nunca de solicitar manifestações dos meus amigos. Peço-lhes que nada façam. Por quem é, rogo-lhe o uso da sua habitual reflexão, fallando a alguns outros amigos que me prezem mais do que a paixão politica. Não quero que os accusem de me estarem recommendo como successor ao poder.

« Creia na sinceridade do

« Seu affectuoso amigo e criado,

« V. DO RIO BRANCO. »

LE
VICOMTE DE RIO BRANCO

EBAUCHE BIOGRAPHIQUE

Quand on voit les brillants débuts d'existences privilégiées, qui font l'honneur de leur temps, on se figure qu'elles sont dues à la réunion de toutes les faveurs de la nature et de la fortune; celle-ci, pourtant, à vrai dire, marque la protection des circonstances, moins par une complaisance absolue, que par le mélange de quelques rigueurs qui, dans le jeune âge, l'accoutumèrent au travail; le vrai, le seul éducateur de la vie.

Ces conditions diverses se sont unies pour former l'homme remarquable, objet de cette étude, qui, à un siècle de la vocation de Wilberforce en 1773, eut le bonheur d'obtenir au Brésil, en 1871, un des plus éclatants triomphes de la civilisation.

I

José Maria da Silva Paranhos vit le jour à Bahia, le 16 mars 1819 ; son père, Agostinho da Silva Paranhos, portugais de naissance, appartenait au commerce en gros, et il jouissait d'une faveur méritée, jusqu'à l'époque de la séparation de la nationalité brésilienne, où il se vit involontairement compromis et perdit toute sa fortune. (1)

Il survécut à peine à sa ruine complète, et aurait laissé l'enfant sans protection, si un oncle maternel, le colonel du génie Eusebio Gomes Barreiro ne l'eut recueilli et doté, l'âge venu, d'une solide instruction secondaire.

L'étudiant de Bahia vint en 1835 à Rio-de-Janeiro, et il y fut successivement élève de l'Académie de marine, puis de l'Ecole militaire ; après ses neuf années de cours de mathématiques, pendant lesquels, pour subvenir à ses besoins, il répétait les leçons à ses condisciples, il fut enfin nommé substitut à l'Académie de marine, puis, bientôt, professeur à l'Ecole militaire.

(1) Meu pae, por occasião da entrada das forças portuguezas na cidade da Bahia perdeu grandes cabedaeas. Assim mesmo quando morreo, deixou fortuna á sua familia, mas disputada por um poderoso irmão, que se considerava seu socio e credor. Nasci no berço da grandeza, mas ainda joven, a fortuna herdada por minha mãe D. Josepha Emerenciana Barreiro e seus filhos, meus irmãos, passára para outras mãos e em grande parte se consumira tambem por effeito das injustiças e despezas d'aquelle pleito. Foi então que começaram as circumstancias difficeis, sendo eu ainda estudante de preparatorios ; conclui-os com os poucos recursos que nos restavão e com o auxilio do meu tio Gomes Barreiro.

(Nota a lapis do Visconde do Rio Branco).

Cependant l'activité de son esprit le conduisit à manifester sa valeur dans la rédaction d'un journal intitulé le *Novo Tempo*, où ses articles furent remarqués, et lui valurent, en 1845, l'offre d'un mandat à l'assemblée de la province de Rio-de-Janeiro. C'est ainsi qu'il entra dans la dangereuse carrière de la politique, où nul repos n'est permis, mais où il devait plus tard aboutir à la grande loi de l'abolition de l'esclavage, récompense magnifique de tous ses sacrifices.

Nommé secrétaire, vice-président, et ensuite président par intérim de la même province, et placé dans la sphère élevée pour laquelle il était fait, il ne tarda pas à être élu, en 1847, député à l'Assemblée générale législative, où ses premiers discours lui acquirent le titre d'orateur.

L'ajournement des sessions et bientôt la dissolution de la Chambre quadriennale le rendirent à la presse, dans laquelle il reparut comme rédacteur en chef du *Correio Mercantil*, journal de l'opposition. Il prêchait là le culte de la légalité avec le désir de la prompte réalisation du progrès, quand, par une coïncidence funeste pour lui, la révolution de Pernambouc vint à éclater, entraînant dans un rapide désastre ses amis, qu'il n'avait pu dissuader d'une aussi folle entreprise. Il fut personnellement compromis par les plaintes violentes qu'il n'épargna pas

au gouvernement, dès que les rigueurs exercées lui parurent excessives. Il ne sortit de cette épreuve qu'entravé par les lourdes chaînes de la calomnie: ses ennemis, à mesure que l'éclat de sa carrière augmentait, remuèrent toujours ces vieux souvenirs, et provoquèrent de sa part, au Sénat et à la Chambre des députés, d'éloquents discours empreints d'un fond de tristesse.

II

Ce ne fut qu'après une assez longue retraite, après avoir, pendant quelque temps, repris ses leçons d'artillerie à l'Ecole militaire, qu'on le vit de nouveau par les *Lettres à un ami absent*, dont on reconnut le style, s'immiscer dans la question d'actualité: il imprima une direction décisive à l'opinion publique, éveillée contre le sanguinaire Rosas, dictateur de la République Argentine. Ce succès fit qu'on lui offrit une des premières places dans la rédaction du *Jornal do Commercio*, feuille indépendante qui a l'habitude de rester étrangère aux débats de la politique intérieure, circonstance qui détermina son acceptation. (1)

Ce fut dans cet emploi qu'alla le chercher le marquis de Paraná pour l'engager à le suivre, en

(1) A 1 de Maio de 1851.

(Nota a lapis do Visconde do Rio Branco).

qualité de secrétaire, dans une mission diplomatique à la Plata. Après la réussite de cette mission et revenant à Rio-de-Janeiro, il laissa Paranhos chargé de la direction des affaires, et plus tard le fit nommer son successeur. (1)

Paranhos fut, dans les républiques Platines, l'initiateur d'une diplomatie toute de paix et de bienveillance impartiale, ne concevant pas que le Brésil, après son intervention nécessaire, pût avoir l'idée de l'occupation de Montévideo.

On peut citer, entre autres services qu'il rendit alors, la démarcation des frontières de la province de Rio Grande du Sud, qui fut confirmée, grâce à lui, par le gouvernement de la République Orientale.

Il avait été élu, pendant cette absence, député à l'Assemblée générale par la province de Rio de Janeiro, grâce aux efforts du marquis de Paraná, qui s'employa activement à le protéger, mû surtout du désir de s'assurer le concours d'un collègue, dont il connaissait le mérite.

Le marquis se proposait, en réalité, de former un ministère capable d'appliquer le système par

(1) Consultado o Marquez, sem que o seu secretario soubesse, qual das missões diplomaticas melhor poderia este desempenhar, se a de Montevideo, se a de Buenos Ayres, n'esse periodo difficil das relações do Brazil com os Estados do Prata — a resposta do estadista ao Ministro dos Negocios Estrangeiros foi: « Aquella a que V. Ex.ª ligar maior importancia. » Contou-me isto o marquez de Paraná, muito tempo depois.

(Nota a lapis do Visconde do Rio Branco).

lequel il espérait régénérer la nation, — le système de la fusion des partis. Comme le dit le conseiller Alencar, dans sa brochure intitulée le *Marquis de Paraná*, « nos partis, il faut l'avouer, n'ont jamais eu de principes bien prononcés... Des noms étaient les symboles des deux fractions politiques, qui divisèrent longtemps le pays. »

Les principes invoqués dans cette citation ne sont autres que ceux qui, en antagonisme sympathique, (pour emprunter cette locution aux sciences naturelles), constituent les gouvernements appelés mixtes, pour cette raison que la liberté est alliée à l'autorité ; et, de la même manière que les principes combinés sont deux et pas davantage, il n'y a aussi que deux partis pour les représenter l'un et l'autre, le parti libéral et le parti conservateur, les seuls qui, au Brésil, puissent être appelés politiques ; car mentionner, comme on l'a fait parfois, un prétendu parti des améliorations matérielles, c'est se placer en dehors de la raison, vu que ce soin des améliorations matérielles, parmi les autres devoirs de l'administration, est imposé aux deux partis politiques, à mesure qu'ils parviennent au pouvoir. Le but de ces deux partis est autrement grave et important ; appelés tour à tour par une sage prévoyance du pouvoir modérateur solidaire des discussions parlementaires et de l'opinion publique, ils se servent

réciiproquement de correctif mutuel par des développements tantôt du principe de la liberté, tantôt du principe de l'autorité, modifications toujours les moins brusques possibles pour ne paralyser, ni ne surexciter la vie nationale, dont la loi est un mouvement régulier dans le progrès.

III

Les deux partis dont nous venons de parler, n'ont, pour ainsi dire, aucun rapport avec ceux qui réclameraient, ou la liberté absolue ou l'autorité absolue ; au contraire, c'est leur trait caractéristique de ne rien vouloir d'absolu, de vouloir le mélange de l'un et de l'autre principe, dans des gradations souvent légères en plus ou en moins. Or, ces partis rationnels ne pouvaient se former au Brésil qu'après qu'on y aurait fait table rase des rancunes issues d'intérêts personnels toujours intolérants. Il semble, du moins, que telle a été la conception de l'auteur de ce système.

C'était en vue de cette évolution laborieuse, que le marquis de Paraná rappelait son secrétaire de la Plata ; il ne put, toutefois, s'assurer sa collaboration, que quelque temps après la formation du premier ministère dit de conciliation, où il lui avait réservé le portefeuille de la marine.

Grâce au prestige du nom de celui qui avait inauguré cette nouvelle politique, elle avait été accueillie avec une sorte d'enthousiasme ⁽¹⁾ par la nation toute entière, plutôt, peut-être, par lassitude du passé, que par une prévision bien claire d'un avenir meilleur. Si quelqu'un, pourtant, pouvait en assurer le succès, c'était assurément le publiciste qui, dès 1844, écrivait dans le *Novo Tempo* ces bonnes et consolantes paroles : « Voulez-vous faire la prospérité du pays? Versez-lui le baume de la conciliation... » et, continuant ainsi, il manifestait son honnêteté et sa modération. Du reste, le nouveau ministre eut les honneurs d'une réélection, qui justifia le choix de la couronne par une véritable ovation populaire.

Quant au but connu de ce ministère, le mot de conciliation, plus facile à prononcer que le fait correspondant ne l'est à accomplir, il eut la vertu d'adoucir l'acrimonie des discussions parlementaires, à l'occasion de la loi électorale : mais aucune trace d'action marquée ne demeure sensible ; il n'y a eu d'autre monument, qu'une dénomination commune à deux ministères, et que le second même ne se fit pas scrupule de discréditer.

Cependant Paranhos, comme ministre de la marine, se montrait infatigable: son activité ne le cédait

(1) Havia aqui extensa nota a lapis, que foi apagada com borracha.

en rien à sa capacité. Il était, d'ailleurs, mieux informé, mieux préparé que personne ; la nature de ses études et de son enseignement l'avait, dès sa première jeunesse, familiarisé avec les questions de guerre et de marine ; bientôt, l'on vit paraître, successivement, et projets administratifs, et règlements généraux ou particuliers, et déterminations du mode d'enrôlement des volontaires et des recrues pour les équipages de guerre, et créations (1) de compagnies d'apprentis marins à Bahia et au Pará, et une foule d'autres dispositions utiles.

Lors de la recomposition du cabinet, en juin 1855, le vicomte d'Abaété, envoyé en mission spéciale à la Plata, quitta le portefeuille des affaires étrangères, et il eut pour successeur le conseiller Paranhos. Ceux qui étaient au fait du travail secret par lequel celui-ci, comme ministre de la marine, avait préparé une forte expédition navale pour appuyer la mission envoyée au Paraguay, ceux-là, en petit nombre, quelques amis ou de hauts employés de l'administration, attendirent, avec un vif intérêt, et presque avec anxiété, quelle conduite son changement de position allait lui conseiller. L'attente ne fut pas de longue durée : il avait cessé d'être ministre de la marine ; ministre des affaires étran-

(1) Esta idéa minha foi logo realisada na Bahia e Pernambuco.

(Nota a lapis do Visconde do Rio Branco).

gères, le sentiment du devoir le porta à rechercher avec toutes les ressources dont lui seul pouvait disposer, s'il fallait ou non désespérer d'une solution pacifique. Il fit dans ce sens des tentatives, et y réussit. Le traité d'amitié, de navigation et de commerce du 6 avril 1856 ouvrit la navigation du Paraguay à notre province de Matto Grosso.

On admira l'élasticité d'un esprit qui, au lendemain de tant de peines prises, se portait d'un bond à une autre sphère, et complétait par d'autres moyens son œuvre de la veille. On reconnut à ce trait un véritable homme d'Etat, maître de lui et sachant se diriger.

A une interpellation du conseiller Montezuma, relative à ce traité, le conseiller Paranhos répondit dans la séance du 28 juin. « Le droit du Paraguay sur sa rivière est garant du nôtre sur l'Amazone. »

Le théâtre de son action s'était cependant agrandi. Il dut, peu après, répondre à une dépêche menaçante de la légation anglaise; il le fit avec une noblesse, qui lui valut des éloges de plusieurs membres de la Chambre des lords, entre autres lord Malmesbury. Une phrase suffit pour indiquer le ton du document tout entier. — « La menace jetée au gouvernement impérial avec tant d'injustice et d'a-mertume implique l'idée que la Grande Bretagne est une nation plus forte que le Brésil, et peut faire

entendre qu'elle n'hésitera pas à user, même sans motif légitime, de son grand pouvoir matériel ; mais elle ne pourra pas couvrir le défaut de raison d'un tel procédé, ni troubler la tranquillité, que le gouvernement impérial puise dans la conscience de sa dignité et de la loyauté de ses actes. »

Ce fut sans doute à un sourire de la fortune, que le conseiller Paranhos dut d'avoir, comme ministre des affaires étrangères, à donner l'adhésion du Brésil aux quatre principes de la déclaration finale du congrès de Paris (1). A la Chambre des députés, où avait été mentionné le précédent de l'abstention des Etats-Unis, le conseiller Paranhos explica en quoi consistait le dissentiment de l'Amérique du Nord, et combien, au contraire, convenait au Brésil l'adoption des quatre principes, qui d'ailleurs avaient été déclarés inséparables.

Après la mort du marquis de Paraná, tout en conservant le portefeuille des affaires étrangères, il était redevenu ministre de la marine : il continua son œuvre d'améliorations successives ; il effectua la réforme du corps de santé de la flotte et de ses employés fiscaux ; il organisa, du moins en principe, les classes des ouvriers mécaniciens des bâtiments

(1) M.^r Cauchy, em seu tratado do Direito das Gentes, cita a nota brasileira que redigi, como um documento digno da atenção dos governos que estão à testa da civilização.

(Nota a lapis do Visconde do Rio Branco).

de guerre ; enfin il eut l'honneur de mettre la dernière main au bassin de construction taillé dans le granit naturel de l'île des Coulevres, travail considérable, qui avait été inauguré en 1822 par le fondateur de l'Empire.

La dissolution du ministère, le 4 mai 1857, le rendit à ses devoirs de député. La Chambre le vit défendre les actes du cabinet dont il avait fait partie, et justifier les intentions de ses collègues avec autant de vigilance et de soin, que les siennes propres.

IV

Cependant la République du Paraguay donnait, non seulement des inquiétudes, mais de graves raisons de plainte. Ses réglemens particuliers avaient annulé de fait la navigation de transit de la rivière ; l'armée de D. Carlos Antonio Lopez était augmentée et tenue sur le pied de guerre, les fortifications accrues, des ingénieurs habiles appelés d'Europe. Le Brésil en prit ombrage : le cabinet du marquis d'Olinda fit le conseiller Paranhos consentir à retourner aux états de la Plata et du Paraguay, où, après quelques conférences avec le Président du Paraguay et le ministre des affaires étrangères, le propre fils du président, D. Francisco Solano Lopez, il obtint, par la convention de 1858, la confirmation

des accords antérieurs. Il raffermi l'alliance avec la Confédération Argentine par un nouveau traité complémentaire de celui du 7 mars 1856, déjà reconnu et amplifié par la convention de novembre 1857 avec le gouvernement du général Urquiza. Il fit adopter, outre l'extradition des criminels, quelques dispositions qui n'avaient pas été comprises dans notre traité avec l'Etat Oriental. Enfin il obtint de tous les riverains des différents cours d'eau, affluents de la Plata, un accord pour leur libre navigation, bienfait que ne tarda pas à supprimer l'inconstance de ces gouvernements éphémères.

De retour au Brésil, (1) le conseiller Paranhos fut nommé président de la province de Rio de Janeiro, et il y fit sentir les bienfaits d'une autorité active et bienveillante jusqu'au moment peu éloigné, le 12 décembre de la même année, où il entra dans un ministère présidé par son ancien collègue, le Vicomte de Abaeté, qui s'appuya ouvertement sur les anciens conservateurs.

A cette époque, se produisirent les luttes les plus violentes, dont notre parlement ait été le théâtre. La politique de conciliation, discréditée par le mi-

(1) Recebi então uma manifestação popular da Bahia. Consistia na offerta das insignias de Dignitario do Cruzeiro, com que eu acabava de ser remunerado. Não se esqueça, Sñr. Taunay, da Bahia, minha terra natal, a que sempre dediquei muito amor.

(Nota a lapis do Visconde do Rio Branco).

nistère Olinda, autant que mal entendue par d'autres, laissait de nouvelles haines; les esprits, d'ailleurs, étaient agités par la question des banques d'émission; mais, ce qui paraîtra à peine croyable, après l'essai de fusion des partis, qui autorisait tous les passages d'une communion à l'autre, les ayant sollicités, les ennemis du conseiller Paranhos se firent de sa première affiliation au parti libéral un thème contre lui et un sujet d'attaques personnelles. Tant d'autres cependant n'étaient-ils pas dans le même cas? Le sénateur Souza Franco n'avait-il pas commencé par être conservateur? Et Zacharias, Nabuco, Saraiva? Et le sénateur Silveira da Motta, qui est encore aujourd'hui le représentant des idées radicales? Et Araujo Lima, depuis Marquis d'Olinda, régent en 1837, ministre conservateur en 1848, n'avait-il pas, en 1863, assuré le triomphe du parti libéral? D. Manoel d'Assis Mascarenhas et Ferraz, depuis baron d'Uruguayana, n'avaient-ils pas été, en 1847, du nombre des sept champions conservateurs? Ce qu'on peut dire du conseiller Paranhos, c'est ce qu'un historien a dit de Robert Peel: « Le plus conservateur d'entre les libéraux, le plus libéral d'entre les conservateurs, et toujours le plus habile d'entre tous. »

V

Des intrigues électorales, après la dissolution du ministère Abaété, le tinrent éloigné quelque temps de la représentation nationale. Les électeurs de la province de Sergipe eurent le mérite de l'y renvoyer : il était entré, peu de temps auparavant, dans le cabinet organisé par le marquis de Caxias, avec le portefeuille des finances : c'était une matière nouvelle pour lui : il s'en rendit bientôt maître.

L'auteur de la brochure « *Nos hommes politiques* » le peint ainsi, à cette époque : « Son extérieur est imposant, sa physionomie sympathique... Son front large et significatif entièrement dénudé répand sur son visage une sereine irradiation : ses yeux bleu-gris lancent non des éclairs, mais comme des rayons persuasifs, sa bouche est habituellement le siège du sourire... sa voix est claire et ferme, son geste contenu et distingué... Infatigable au travail, quand il est ministre, il n'est que ministre. Il est si commode et si utile à ses collègues que, par là, il les tient tous assujettis ; ce dont il écarte avec soin la remarque, en se faisant le plus simple et le plus modeste de tous. »

Tel était l'orateur, le vrai chef du cabinet du 2 mars 1861.

De l'étude aussi rapide que profonde qu'il fit

de l'état des finances, il existe des vestiges irrécusables dans la collection des lois de cette époque, où l'on voit souvent résolu le problème du terme moyen entre l'intérêt du fisc et l'intérêt du contribuable.

À ce cabinet qui tomba devant une surprise de ses adversaires, par un vote de la Chambre des députés du 24 mai, succéda un ministère qui dura seulement quelques jours, et fut remplacé par un autre, que le marquis d'Olinda organisa. Pour établir leur domination, les libéraux, soutenus par une fraction des conservateurs dissidents, s'érigèrent en un parti nouveau, dit du progrès.

Le conseiller Paranhos, au moment de cette combinaison, était porté au Sénat par la province de Matto Grosso, cette immense région neuve, à laquelle il avait fait pressentir la vie dans la navigation libre, plusieurs fois obtenue, grâce à lui, de la rivière du Paraguay: aussi, un seul vote lui manqua sur la triple liste d'élection, pour avoir l'unanimité des suffrages. Il fut choisi par la couronne le 26 novembre 1862.

Après la dissolution de la chambre temporaire en 1863, il s'engagea parmi les adversaires du cabinet; et, lorsqu'en 1864, le parlement se rouvrit, les premiers mots qu'il y prononça furent destinés à protester contre la part qui était faite à ses alliés

politiques ; mais, alors même qu'il était en pleine opposition, il n'eut que des paroles courtoises et mesurées. Sa question sur les devoirs du corps diplomatique en donne une preuve évidente ; le ministre des affaires étrangères, en entendant son discours, ordonna qu'il fût imprimé et distribué en brochure ; et, quand déjà la guerre avec l'Etat Oriental en 1864 était imminente, le même ministre le fit inviter à se rendre en mission spéciale à la Plata.

Le gouvernement de Montevideo avait rejeté les sept articles de l'*ultimatum* du conseiller Saraiva, ministre plénipotentiaire du Brésil : des représailles avaient été exercées ; c'était déjà la guerre. Les *blancos*, sans pouvoir débarrasser la campagne du général Florès, paraissaient disposés à faire résistance au Brésil, et ils étaient soutenus par le corps diplomatique ou consulaire étranger. Un gant de défi avait été en outre jeté par le dictateur du Paraguay, D. Francisco Solano Lopez, dans sa note menaçante du 30 août.

Quoique le conseiller Paranhos fût l'un des chefs de l'opposition, le gouvernement ne pouvait que l'employer dans une question compliquée, où l'expérience des antécédents était si nécessaire.

De son côté, l'envoyé désigné, après avoir pris conseil de ses amis sur l'ample information que le cabinet lui avait donnée de toutes ses vues, n'hésita

pas à accepter cette commission, le service national ayant le pas sur toutes les questions de partis. Pourtant, il se rendit à Buenos Ayres avec l'idée, comme il le dit lui-même au Sénat avant son départ, qu'il aurait pu se recommander au souverain par les mots de Villars à Louis XIV. — « Sire, je vais combattre les ennemis de V. M., et je vous laisse au milieu des miens. » — La confiance en la loyauté de ses adversaires, dont il jugeait par la sienne, avait retenu ces paroles sur ses lèvres.

VI

A son arrivée à Buenos Ayres, le dictateur Lopes avait déjà réalisé ses menaces par la saisie du vapeur *Olinda*, sans déclaration préalable de guerre: la nouvelle en retentissait dans la Plata. Le gouvernement impérial de son côté n'avait publié ni déclaration, ni manifeste: ce fut le conseiller Paranhos qui se chargea de ce soin.

Il adressa, en sa qualité de représentant du Brésil, au corps diplomatique résidant à Buenos Ayres et à Montévideo une circulaire, dans laquelle était exposé le procédé de l'Empire. Cette circulaire de la plus grande importance pour l'histoire de la grande et terrible guerre qui avait déjà commencé, porte la date du 26 janvier 1865.

Buenos Ayres cependant refusait au Brésil son alliance contre Lopez, déclarant qu'elle ne considérait comme cas de guerre, que l'invasion de son territoire ; et, dans notre question avec Montévideo elle se tenait neutre.

Des représailles destinées à servir d'avertissement des intentions du Brésil et de sa détermination, avaient exaspéré les *blancos* ; en même temps qu'ils voyaient leurs vapeurs inutilisés par notre escadre, et que le blocus était déclaré devant les forts du Salto et de Paysandu, l'amiral vicomte de Tamandaré entra en accord (20 octobre) avec le général D. Venancio Florès, le chef de la révolution.

C'est de là que date entre le Brésil et Florès l'alliance que le conseiller Paranhos avait l'ordre du gouvernement de confirmer. Il reconnut Florès comme belligérant, et déclara l'intervention armée du Brésil.

C'est alors aussi que le président Aguirre, furieux, fit brûler sur la place publique de Montévideo les traités signés avec le Brésil et traîner dans les rues le pavillon impérial.

Le gouvernement fut informé de ces faits, aussi bien que du départ d'un partisan nommé Muñoz à la tête d'une expédition militaire vers la frontière brésilienne : mais le conseiller Paranhos reçut seulement, au lieu d'instructions nouvelles, une vague indication d'éviter, s'il était possible, le bombar-

dement de Montevideo, dans le but d'avoir plus tôt toutes nos forces disponibles contre le Paraguay.

Relativement à la libération pure et simple des prisonniers de Paysandu par l'amiral Tamandaré, le ministre des affaires étrangères dit seulement « que le gouvernement ne pouvait que censurer un tel acte qui allait renforcer, de tant d'officiers mis en pleine liberté, le nombre des ennemis dans leur capitale; qu'il aurait fallu les traiter avec notre bienveillance habituelle, mais les retenir loin de l'action, tant que durerait la guerre. » Rien de plus; et pas un mot au sujet de Muñoz, ni des attentats de sa troupe dans le Jaguarão, à la frontière.

VII

Mais, reprenons les choses d'un peu plus haut; après la seconde attaque et la prise de Paysandu, l'armée brésilienne, sous les ordres du baron de St. Gabriel, commandant en chef, et du général Osorio, fut conduite devant la place de Montevideo, où les *blancos*, au nombre de quatre mille, se montraient disposés à une résistance opiniâtre. Les forces dont nous disposions étaient, de l'aveu de tous, insuffisantes pour un assaut, et nous n'avions point d'artillerie de siège.

Dans ces circonstances, le conseiller Paranhos

fut invité par l'amiral de Tamandaré à venir entendre les propositions de paix qu'on jugeait devoir être faites d'un moment à l'autre. Réuni aux chefs brésiliens et au général Florès, il reçut, le 10 février, une lettre du ministre italien, R. V. de Barbolani, qui demandait une entrevue à bord d'un navire neutre ; le ministre brésilien accepta, dans la *Ville de l'Union*, une série de conférences, à la suite desquelles l'accord du 20 février fut conclu entre le Brésil, le général Florès et l'Etat Oriental.

La veille au soir, tout était convenu ; le conseiller Paranhos avait invité le vicomte de Tamandaré et le général baron de St. Gabriel à se trouver aux conférences. Ce fut alors que l'amiral suscita un conflit de juridiction, se portant comme seul compétent pour traiter dans cette affaire.

Depuis longtemps déjà, et dès l'arrivée même du conseiller Paranhos, les partisans de la guerre avaient fait sonner à l'oreille de l'amiral les mots d'intervention hors de propos de la diplomatie, et d'affront pour lui-même ; et c'était ce qui lui avait fait hâter le premier assaut de Paysandu avec trop de désavantage.

Toutefois, après avoir fait devant les négociateurs sa fâcheuse déclaration, désarmé un peu tard par la douceur avec laquelle le conseiller Paranhos, lui montrant ses pleins pouvoirs, demanda seulement

qu'il prit la responsabilité de sa prétention, s'il voulait la maintenir, il eut la bonne foi de s'en désister, et reconnut la compétence de l'agent diplomatique pour diriger et conclure la convention (1).

Les nouvelles du rétablissement de la paix s'étaient à peine répandues, que des flots d'habitants de Montevideo vinrent porter des félicitations aux alliés. L'amiral, lui-même, le général en chef, le conseiller Paranhos et le général Florès avaient à recevoir ces explosions d'une joie publique immense; l'enthousiasme des brésiliens comme celui des étrangers allait au délire. Le commandant en chef de notre armée, dans son ordre du jour, dit: « Toutes nos réclamations seront satisfaites; l'amnistie concédée par le général Florès ne comprend pas les crimes de droit commun, l'assassinat, le vol... Les armes et la diplomatie brésiliennes ne pouvaient obtenir un triomphe plus complet ni couronné de notre part par plus de générosité; le Brésil entier le reconnaîtra. »

VIII

Cependant l'amiral était retourné à son bord. Là, des observations imprudentes de ceux qui l'entouraient jetèrent de nouvelles ombres dans son

(1) Havia aqui extensa nota, apagada porem. No fim lê-se distinctamente a palavra: concorda?

esprit. Un succès, sans doute, disait-on : mais qu'avait-on fait ? Quelle occasion de gloire perdue ! Entrer de force à Montevideo ! Ce qu'on aurait pu si facilement ! Personne ne rappela Burgos... ni que les ministres et les amiraux étrangers, tous hostiles à l'Empire, étaient pour Montevideo.

Il avait été stipulé dans l'accord qu'on saluerait de vingt-et-un coups de canon le pavillon brésilien : cette salve ne se faisait pas entendre ; l'amiral saisit ce prétexte et fit déclarer qu'il ne communiquerait plus avec la terre : en vain le général Florès se hâta de lui donner cette satisfaction.

Triste dissentiment ! et s'il avait été le seul ! S'il ne lui eût pas été donné de devenir contagieux !

A Rio-de-Janeiro, quand les nouvelles y parvinrent, il y eut le premier mouvement naturel d'enivrement, bientôt refroidi : on sait combien d'ennemis avait le conseiller Paranhos ; tous se mirent à l'œuvre : il était de l'opposition, et, dans sa dépêche au ministre, une généreuse franchise lui avait fait proposer, pour la guerre qu'on avait déjà sur les bras, deux chefs du parti conservateur (auxquels il fallut plus tard recourir), le général marquis de Caxias pour remplacer le baron de St. Gabriel que sa santé forçait à se retirer, et l'amiral Joaquim José Ignacio pour commander la flotte. L'intrigue, fortifiée des méfiances qu'inspiraient de tels choix, fut portée

partout en un instant. Les bruits les plus honteux de captation par l'argent circulèrent ; on fit courir que la place, au moment de la capitulation, était déjà presque prise ; que la solution pacifique était un déshonneur, une trahison.

Le jour suivant, le *Diario Oficial* publiait un article où il était dit que, l'accord ne répondant pas à ce qui avait été demandé, — le gouvernement impérial, tout considéré, prenait la résolution de relever le conseiller Paranhos de la mission qui lui avait été confiée.

L'étonnement général fut suivi des tristes soupçons inévitables ; la dignité du pays, en effet, aurait-elle été sacrifiée ? Pour autoriser ce cruel retour de l'opinion, le mensonge et la calomnie inondèrent la presse d'articles diffamatoires ; mais, peu de jours après, la vérité se fit jour dans une brochure signée *Epaminondas*, où tous les arguments de l'imposture étaient repris un par un et réduits en poussière. Presque toute la presse se prononça dans le même sens, et le temps a surabondamment justifié le conseiller Paranhos.

Il n'avait eu, il l'a prouvé, au lieu d'instructions du ministère en retour de ses dépêches multipliées que des indications sommaires, dont la teneur existe, se résumant toutes dans la pressante recommandation de terminer l'affaire de Montevideo, pour tourner

toutes nos forces contra Lopez, qui se donnait une apparence de protecteur de cette république et voulait y envoyer vingt mille hommes de secours contre nous. Tout retard eût été désastreux. La lumière partout se fit si bien à cet égard sur tous les points de l'action du ministre sacrifié par le cabinet de Rio-de-Janeiro, que son successeur, le conseiller Octaviano n'eut pas peu de peine, avec toute son habileté, à colorer aux yeux des hommes politiques de la Plata, une mesure aussi extraordinaire que cette destitution, de manière à ce que la paix n'en fût pas compromise.

Mais comment le conseiller Paranhos reçut-il un tel coup? Ce jour-là, le 14 mars, il se préparait à fêter avec éclat l'anniversaire de l'Impératrice. L'incroyable nouvelle ne changea rien aux mesures à prendre; et quelques heures après, un banquet somptueux réunit les premiers fonctionnaires de l'Etat, le corps diplomatique, les amiraux étrangers, quelques sujets brésiliens et les personnes les plus remarquables de la société orientale.

Durant cette fête, les convives, déjà tous instruits de l'événement, purent admirer le calme de son maintien, la placidité de ses traits, la plénitude, la sûreté de sa voix à articuler des vœux pour l'Impératrice du Brésil, pour l'Empereur, pour l'Empire. D'autres certainement auraient pu affecter la même

sérénité : mais au prix de quels efforts ! Il lui en coûta moins qu'à personne, à lui, l'homme du travail ; c'était un retard, une revendication à obtenir (1) : mais il y parviendrait, la vérité était si évidente en sa faveur ! Les désagréables circonstances du moment pouvaient être supportées ; et même alors, sans doute, un redoublement chez ses convives d'égards particuliers pour sa personne sut lui faire connaître le prix qu'on attachait à son courage.

Des indemnisations plus positives et plus marquées ne se firent pas attendre : amis, ennemis, gouvernements, populations, le comblèrent de témoignages de sympathie, avec de tels échos de tous côtés que, plus tard, quand il crut devoir défendre sa cause dans une séance du Sénat qui est devenue célèbre, il put bien ajouter à sa réputation d'orateur, non à la conviction générale de son bon droit et de l'injustice, dont il avait été victime.

IX

Les trois années de 1865 à 1868 le montrent dans l'opposition, toujours le même, et n'usant qu'avec modération des avantages de représailles que la suite des faits venait lui apporter, soit lorsque

(1) Reflexão justa.

(Nota a lapis do Visconde do Rio Branco).

la capitulation accordée à Montevideo, qui avait été avec lui si cruellement désavouée, se reproduisait, sous la direction de ses adversaires, à Uruguayana, et dans des circonstances moins impérieuses ; ou lorsque la nomination du maréchal de Caxias et de l'amiral Joaquim José Ignacio consacre les mêmes choix, dont la proposition avait été tenue chez lui pour un crime. On s'était donc enfin convaincu, que la lutte engagée au Paraguay était une question d'honneur et d'existence nationale, non d'esprit de parti ! Mais on ne jugea pas à propos de marquer la réparation qu'on lui devait sur ce point : peut-être en fut-ce une indirecte, que sa nomination au Conseil d'Etat, en 1866, par ses propres adversaires.

Le cabinet du conseiller Zacharias de Góes et Vasconcellos, le dernier de la domination libérale inaugurée en 1862 par le marquis d'Olinda, venait de résigner le pouvoir, le laissant passer au parti conservateur sous la direction du vicomte d'Itaboraahy, président d'un ministère, celui du 16 juillet 1868.

La population de la capitale et celle des provinces accueillirent de leurs espérances le gouvernement nouveau, pour la composition duquel le conseiller Paranhos avait été désigné comme précieux collaborateur. Les difficultés de la position étaient

grandes, les finances épuisées, et la guerre contre Lopez, selon l'opinion générale, plus éloignée que jamais de sa conclusion. Le parti conservateur, il est vrai, s'était relevé plus fort et plus uni, qu'on ne l'avait vu depuis longtemps; mais la Chambre des députés, telle qu'elle était composée, refusait au pouvoir exécutif les moyens de gouverner: il fallut recourir contre elle au moyen qui restait, la dissoudre, mesure que la nation sanctionna de ses votes, en approuvant en même temps le changement politique qui s'était opéré.

X

La guerre du Paraguay entra dans une nouvelle phase; l'armée, de victoire en victoire, est parvenue à l'Assomption. Le dictateur, après les brillantes victoires du marquis de Caxias (depuis duc) à Itororo, à l'Avahy et à Lomas Valentinas, après la capitulation d'Angustura, sentait le pays lui échapper. Il y avait un grand intérêt à créer un gouvernement national, à donner par là un démenti aux accusations, toujours renouvelées, d'un projet de conquête du pays, qu'on attribuait à la Triple Alliance. Tel fut l'objet de la mission près de Etats de la Plata du conseiller Paranhos, qui partit le 1^{er} février 1869, laissant par intérim au conseiller

Wanderley, depuis baron de Cotegipe, son portefeuille des affaires étrangères.

Après avoir été prendre connaissance de l'état des choses à l'Assomption, le conseiller Paranhos redescendit à Buenos-Ayres, et là, avec les hommes d'Etat des puissances alliées, il concerta le plan d'un gouvernement provisoire, qui fut établi, par voie d'élection, dans la capitale du Paraguay.

Le conseiller Paranhos y fixa son séjour et contribua de toute son activité aux préparatifs de l'expédition de S. A. le comte d'Eu, auquel, comme généralissime, il fut donné d'anéantir le reste du pouvoir militaire de Lopez, par une série de beaux faits d'armes, entr'autres ceux de Péribébuy et de Campo-Grande.

Après la rapide poursuite des débris paraguéens, si bien conçue et exécutée par le général Camara, aujourd'hui vicomte de Pelotas, qui eut l'honneur de terminer la guerre par la mort du dictateur, le 1^{er} mars 1870, le conseiller Paranhos jugea nécessaire de partir pour Buenos-Ayres, et ne fut de retour à l'Assomption, que quelques jours après un événement cruel pour lui, la mort du général Antonio da Silva Paranhos, son frère, qui, depuis la prise de Paysandú jusqu'à la fin de la guerre, n'avait pas remis son épée dans le fourreau.

A la suite des conférences qui réglaient l'accord

préliminaire de paix du 20 juin 1870, le conseiller Paranhos revint à Rio-de-Janeiro, où, ayant repris le portefeuille des affaires étrangères, il rendit compte au Sénat de sa mission au Paraguay, et, dans cette occasion comme dans plusieurs autres, ayant à défendre le ministère dont il faisait partie, il montra, avec une éloquence irrésistible, quelle importance on devait attacher à cette guerre, non-seulement pour la gloire, mais pour le repos et le développement du Brésil, et ce qu'on devait au gouvernement qui l'avait poussée à outrance, au risque de toute sa responsabilité, si le succès nous eût trahis.

Ajoutons, ce qu'il n'a pu dire, que cette heureuse clôture, sans lui, n'était guère possible ; qu'il en a été le régulateur dans la dernière phase, et, par sa résolution, le terminateur indispensable. Comme un habile chorége ou maître d'orchestre fait servir les dissonances, même les plus dures, à la beauté d'exécution d'une symphonie ; lui, de même, dans cet accord difficile d'action armée d'une coalition, lui, a su en modérer toutes les parties, souvent peu dociles, de manière à les faire agir simultanément, ou à s'attendre tour à tour, ou à se passer les unes des autres, maintenues toujours dans une sphère d'éventualités affluentes à l'intérêt commun.

Aussi les récompenses, cette fois, ne manquèrent pas au mérite ; et, aussitôt que le cabinet du 16 juillet fit place à celui du 24 septembre, sous la présidence du marquis de Saint-Vincent, le conseiller Paranhos fut créé vicomte de Rio Branco, fait grand de l'Empire, et nommé membre ordinaire du conseil d'Etat.

Le 13 octobre suivant, le vicomte de Rio-Branco repartit pour Buenos-Ayres, afin d'assister aux conférences, où fut conclu l'accord préliminaire entre les gouvernements alliés et rédigé le traité de paix qu'ils devaient offrir au Paraguay. Il était sur le point de se diriger vers l'Assomption, pour mettre la dernière main à son œuvre, quand un ordre de l'Empereur l'arrêta, le chargeant, comme président futur du conseil, d'organiser un nouveau ministère.

XI

Il arriva le 20 février 1871 à Rio-de-Janeiro : le parlement devait s'ouvrir deux mois après. Comment préparer en si peu de temps les travaux d'une session, et d'abord, vaincre les répugnances à entrer dans une combinaison, que rendait hasardeuse l'absence des Chambres ? Il surmonta toutes les difficultés avec l'approbation et le concours de ses amis.

On le voit alors, après tant d'épreuves, investi de la confiance du souverain, occupant auprès du trône la première charge de la monarchie représentative. Il va, en premier lieu, accomplir une réforme importante, celle de l'ordre judiciaire, aspiration de tant d'années ; puis toucher, avec la volonté de la résoudre, à la grande, à l'immense question de l'abolition de l'esclavage.

C'était entreprendre une lutte de géant : car si de nobles invocations, si des convictions consciencieuses appelaient l'émancipation, des intérêts séculaires y faisaient obstacle, avec des prétextes spécieux du soin de la fortune publique et aussi avec d'inépuisables moyens d'action : mais pour montrer ce que vaut un homme, il faut des difficultés qui ne soient ni médiocres ni vulgaires.

Quand il annonça publiquement qu'il allait aborder le problème de la libération, ses amis frémissaient ; ses ennemis triomphaient, jugeant sa défaite infaillible. Ils oubliaient qu'à tomber avec la glorieuse bannière qu'il venait d'arborer, le monde entier n'aurait eu que des paroles de mépris pour une nation esclavagiste et que des acclamations de louanges pour le grand ministre qui, se portait si en avant de ses compatriotes !

Et tel était le fait : il avait, en sa qualité de conseiller d'Etat, présenté, dès 1867, un lumineux

mémoire sur l'émancipation, tout en faisant lui-même remarquer, que le moment de réaliser cette grande idée n'était pas encore venu ; l'adhésion n'ayant pas encore pris un caractère assez général. D'ailleurs, la guerre sévissait ; nos finances étaient frappées de discrédit.

Recueillons ses propres paroles, quand l'instant favorable approche. Au commencement de 1870, il répond à une interpellation : « La dure loi de la nécessité nous a obligés à maintenir l'esclavage, tel que nous l'avons reçu de nos ancêtres. »

Il cite l'exemple des Etats-Unis, qui venaient à peine de se laver, dans le sang, de cette souillure ; il ajoute qu'au Brésil, la cause de l'humanité et de la justice est déjà maîtresse de l'opinion : — « Des réformes comme celle-là ne peuvent être imposées ; aujourd'hui que le pays est préparé, aujourd'hui que la nation tout entière l'accepte, il est temps de la porter à effet. Pour ma part, j'assume solennellement que j'emploierai toutes mes forces à faire triompher le plus tôt possible cette cause, qui est celle de l'humanité, celle en même temps des véritables intérêts et du futur agrandissement de ma patrie. » En août suivant, il déclara au Sénat que le gouvernement entreprendrait cette réforme au mois de mai de l'année suivante. Enfin, le discours du trône de mai 1871, résumant les

manifestations antérieures de la pensée du pouvoir exécutif, contient cette phrase impérative : — « Il est temps de résoudre cette question, et votre prudence éclairée saura concilier le respect dû à la propriété existante avec cette amélioration sociale, que requièrent, et notre état de civilisation, et les intérêts même des propriétaires. »

XII

Les Chambres étaient ouvertes : dès les premières séances la lutte s'engagea. La discussion du congé que le gouvernement demandait pour que l'Empereur pût aller visiter l'Europe, offrit le prétexte des premiers coups portés : « ce ne serait point, disait-on, en l'absence de l'Empereur et sous une régence, que devait être traitée une telle question. »

La discussion du vote de grâces, au Sénat et à la Chambre des députés, et surtout dans celle-ci, obligea le président du conseil à parler, une et plusieurs fois le même jour, sur ce sujet ; et il en fut ainsi pendant presque tout le cours de cinq longs mois de session, y compris les prorogations complémentaires.

La proposition du gouvernement avait été présentée à la Chambre des députés le 12 mai ; une commission spéciale, élue le 15, fut chargée de l'examiner.

Le conseiller Paulino de Souza occupa le premier la tribune dans le but de faire admettre un amendement, dans la réponse au discours du trône, tendant à combattre l'idée que, sur cette matière et même sur toute autre, l'initiative puisse appartenir au parti conservateur. « Celui-ci, disait-il, est de résistance ; le parti libéral seul est d'initiative. »

Le vicomte de Rio-Branco prit deux fois la parole dans la séance du 29 mai, et deux fois réfuta victorieusement le sophisme, qui, méconnaissant la nature des partis politiques, attribue à l'un d'eux la propriété des idées d'amélioration, qu'il a une fois indiquées ; et, le lendemain, il occupa de nouveau la tribune pour réclamer avec une nouvelle énergie contre le rôle passif, qui était imposé au parti conservateur par ses adversaires. Voici un passage textuel de son discours : — « M. le président, j'ai déjà démontré qu'une question de la nature et de l'importance de celle de l'émancipation, ne pouvait être accueillie par un simple déni hostile, qu'elle ne pouvait être condamnée *in limine* avec une fin de non recevoir, mais bien qu'elle est digne de la considération de la Chambre et d'un débat réfléchi. J'ai démontré aussi que le noble député pour Rio-de-Janeiro paraissait sortir du sommeil d'Epiménide à venir nous dire, que l'idée de l'émancipation avait surgi

d'une manière inattendue, qu'elle ne s'est pas emparée des esprits, que les grands penseurs du pays la jugent encore bien éloignée de l'actualité.»

Il insiste encore à prouver tout ensemble, non-seulement que cette idée n'est pas la propriété d'un parti, mais qu'elle est conforme à l'opinion universelle au-dedans et au-dehors du pays : « M. le président, dit-il, ne méprisons pas cette opinion publique étrangère dont parlait tout-à-l'heure mon noble ami, M. le ministre de la justice : que nous le voulions ou non, elle a une grande influence sur nos sentiments, sur nos coutumes, sur nos idées. Aujourd'hui les peuples sont entre eux en communication plus fréquente que ne l'étaient, il y a quelque temps, les différentes parties d'une même nationalité. Nous ne pouvons nous entourer d'une muraille de la Chine et dire : nous sommes indifférents à l'opinion étrangère ; que partout fleurissent la morale, la religion, les vérités des sciences politiques et économiques, les exemples du monde civilisé n'ont point de prise sur nous ; nous en sommes indépendants ! Non, Messieurs, l'idée de l'émancipation, je ne cesserai de le répéter, a pénétré dans l'esprit national du Brésil et ne peut manquer de demeurer victorieuse ! (*Nombreux applaudissements. Très bien.*) »

La discussion du projet de réponse au dis-

cours du trône fut déclarée close le 1.^{er} juin; l'émancipation y gagna sa première victoire. Le vote nominal donna au gouvernement 63 voix contre 35; la situation était sans ombre pour l'avenir.

XIII

Le rapport de la commission spéciale sur le projet de réforme de l'élément servile ayant été présenté à la Chambre, la seconde discussion (il n'y en a pas de première pour les propositions du gouvernement) devait avoir lieu le 10 juillet, en raison des intervalles marqués par le règlement: mais un membre de la ligue hostile au projet ayant demandé une discussion préliminaire du rapport de la commission spéciale de 1870, il en résulta un débat, où le vicomte de Rio-Branco mit en plein jour et l'inutilité, et l'inconvenance de cette proposition. C'était au milieu d'une bourrasque d'interruptions, de contestations qui se croisaient et auxquelles il répondait, en les anéantissant une par une, que le vicomte, cette fumée une fois dissipée, reprenait le cours lucide de son argumentation: il fit rejeter ce qui n'était qu'une indication évidemment dilatoire.

Le bruit d'une autre brillante séance, le 14 juillet, fut porté au loin; et, à Buenos-Ayres, le

général D. Bartholomeu Mitre, rédacteur en chef du journal *La Nacion*, traduisit le discours du président du conseil, et le commenta avec de nobles louanges, motivées au delà de toute contradiction.

Le débat sur l'ensemble de la loi fut retardé jusqu'au 31 juillet, où dans un long et substantiel discours, le vicomte de Rio-Branco soumit à un rigoureux examen, entr'autres points, tout ce qui avait été dit sur le pécule et sur le rachat. La matière était épuisée; l'article 1.^{er} du projet de loi devait entrer en votation.

Le règlement intérieur de la Chambre prescrit, qu'en seconde discussion les articles des projets présentés soient traités chacun à part, et que la discussion en soit restreinte à la matière des mêmes articles; et ce n'est que dans les propositions du gouvernement, qui n'ont point de première discussion, que le débat sur l'article 1.^{er} a une prérogative d'ampleur qui soumet à l'examen le projet dans sa généralité.

Après avoir largement exploité cette faculté, l'opposition continua (le débat sur l'article 1.^{er} ayant été clos) à s'occuper de tout le projet, contre la disposition du règlement. C'est dans ce sentiment de transgression qu'eurent lieu les déplorables scènes de la séance du 2 août, les dissidents n'omettant aucun moyen d'entraver la délibération, tantôt par

des disparitions de nombre des votants, tantôt par des attaques personnelles, jusqu'aux invectives.

Un imprudent se leva de son siège, le sarcasme et l'injure à la bouche, défiant le président du conseil: celui-ci, sans sortir de son imposante dignité de maintien, mais du ton d'une juste indignation, s'écria: — « Le ministère s'appuie sur une grande majorité dans les Chambres; il ne se retirera pas, parceque la minorité l'exige, il ne reculera pas devant les injures de l'opposition. » Et, comme le jeune orateur ne relâchait rien de ses violences, le ministre, qui n'avait jamais rien vu de semblable, ajouta d'une voix ferme: — « M. le député n'est pas en état de délibérer! » A ce mot, le désordre n'eut plus de limites.

Le président de la Chambre employa tous ces efforts à l'encontre, et n'y pouvant rien, laissa, de guerre lasse, le scandale s'affirmer. Et non-seulement dans cette séance, mais dans les suivantes! Et toujours la question controversée toute entière, la réforme de l'élément servile, ramenée avec les mêmes arguments désordonnés, le même oubli des dangereux échos du dehors! Les opposants paraissaient avoir fait serment de tout remuer, de tout confondre, plutôt que de céder, invoquant les thèmes les plus usés, anathématisant le Pouvoir Personnel avec toutes les chimères, dont on accom-

pagne ce fantôme. Le lecteur croira-t-il que les principaux meneurs de ces journées étaient des conservateurs dissidents?

Le Vicomte de Rio Branco, toujours le même, son sourire sur les lèvres mais qui tournait au défi, devint par son immobilité un objet de contemplation silencieuse pour les galeries, toutes debout: cependant plusieurs de ses amis, parmi les libéraux mêmes, avec d'autres spectateurs, avaient envahi l'enceinte législative pour le défendre, s'il le fallait. La majorité toute entière venait se grouper autour du banc ministériel. Cette scène ne dura pas moins de dix minutes; et lorsque, enfin, il ne resta plus au président de la Chambre que la ressource de lever la séance, le public, à la sortie du premier ministre, se forma en deux rangs sur son passage et demeura la tête découverte, jusqu'à ce qu'il fût entré dans sa voiture.

XIV

La séance du 3 fut toute employée à la discussion méticuleuse et contestée du procès verbal de la veille, et à l'élection du bureau pour le mois, nouvelle cause et prétexte de longueurs, l'opération du scrutin pour les choix ayant dû être plusieurs fois renouvelée par excès en nombre des votes qui

se trouvaient dans l'urne, et autres manœuvres pareilles.

Le vicomte de Rio-Branco dit solennellement, dans la séance du 5 août, au milieu de ce tumulte, que l'histoire rendrait justice un jour à la majorité parlementaire de 1871, en reconnaissant qu'elle avait sauvé la gloire du parti conservateur. La minorité exaspérée invoqua, dans une sorte de désespoir, la dissolution même de la Chambre, son propre suicide, mais où elle voyait encore l'unique retard possible de l'adoption de la loi.

La journée du 4 fut encore toute perdue dans une interpellation oiseuse au ministre de l'agriculture; et une autre interpellation pareille fut adressée, le 5, au président du conseil. Celle-ci était du conseiller José de Alencar, collègue du vicomte de Rio-Branco dans le ministère du 16 juillet; elle se rapportait injurieusement aux frais de la presse salariée, faisant jaillir du sujet une pluie d'allusions et de sarcasmes.

Le vicomte de Rio-Branco écouta avec la plus profonde attention toutes ces attaques gratuites; puis il se leva et fit entendre une de ses plus belles improvisations.

« Si le cabinet du 7 mars, dit-il, ne soutenait pas une cause véritablement nationale, il ne pourrait subsister un seul jour, ayant à lutter contre ses

adversaires et contre ses amis. Et quels amis, et en quel nombre, M. le président; plus injustes, plus intolérants, plus violents que les adversaires naturels eux-mêmes !... »

Se rapportant aux traits lancés contre lui : — « Je ne suis pas accoutumé, dit-il, à lutter et à vaincre par l'insulte, par les injures. Mais si, comme il est notoire, le noble député a montré des talents dans la vie publique et s'est fait un nom, tous mes concitoyens savent aussi que le secrétaire, dont vient de parler S. Ex. avec tant d'ironie et de fiel, n'est pas parvenu à la position qu'il occupe à la faveur d'un blason ni de parchemins, mais uniquement par le crédit qu'a su lui conquérir une vie toute entière de travail et d'honneur ! »

Au ton dont ces mots furent prononcés, toute la Chambre éclata en applaudissements, et, avec elle, malgré le règlement, les galeries.

Et sa péroraison : « Il n'y a pas d'autre ressource, Messieurs; il le faut, il faut souffrir toutes les imprécations, toutes les dérisions du noble député. L'injustice avec laquelle nous sommes traités, lorsqu'à tous moments on mésinterprète nos intentions, lorsqu'on traduit dans le sens le plus odieux toutes nos paroles, cette injustice ne saura nous intimider ! Nous tous, Chambre et gouvernement, avons de grandes obligations à remplir; chacun le

fera selon sa conscience: et, que le noble député se le persuade, nous avons le courage de notre position, nous ne reculerons pas devant notre devoir! »

La discussion n'était pas encore épuisée le 7; le vicomte de Rio-Branco fut appelé à prononcer un discours. Ce ne fut que le 28, que la proposition du gouvernement sur la réforme de l'état servile, approuvée en troisième discussion par la Chambre des députés, put être enfin remise au Sénat.

XV

Une commission de cinq membres y fut aussitôt nommée pour faire un rapport sur le projet de loi; et, dans ce travail, qu'elle présenta presque immédiatement, le 31 mai, en même temps qu'elle s'offrait à donner au besoin tous les renseignements qu'elle possédait et s'occupait de recueillir, elle conclut, vu l'urgence et le danger de tout retard dans une affaire aussi grave, à la confier le plus tôt possible, à la sagesse du Sénat.

Cette sagesse paraissait déjà dans la rapidité imprimée à ces préliminaires, et que la suite ne démentit pas, si l'on considère les lenteurs inhérentes aux formes de toute assemblée délibérante.

Les adversaires du projet avaient compté sur la Chambre haute, à tel point qu'un député, à qui on disait qu'il ne convenait pas qu'une telle question demeurât indécise, répondit avec assurance : « C'est cependant ce qui arrivera, car elle ne passera pas au Sénat. » Mais là même, justement, malgré la présence de grands propriétaires de plantations, et l'influence de toute cette classe dominante dans le pays, il advint que l'esprit d'intérêt, comme l'esprit de parti, sut se taire. Le sentiment national se leva présent et sensible devant ces intelligences éprouvées et instruites par d'autres orages ; et celui qu'une ligue violente préparait au Brésil, lui fut épargné par un noble accord mutuel, et par des concessions d'un désintéressement presque inespéré.

Le conseiller Zacharias de Góes e Vasconcellos ouvrit la discussion le 4 septembre : seul de tous les libéraux, il se déclara contre le projet ; non qu'il en condamnât l'esprit, disait-il, mais à cause des imperfections de sa mise en pratique. Le vicomte de Rio-Branco réfuta dans la même séance toutes les objections présentées.

« Je suis le premier, dit-il dans sa péroraison, à déplorer les circonstances qui ont imposé au ministère, dont je fais partie, le devoir de réalisation d'une si grande idée. Sans doute, le pays aurait été heureux d'avoir à la tête de son gouvernement

un athlète de la force du noble sénateur pour Bahia : mais ce grand adversaire lui-même a eu la bonté de rappeler, que, parfois, la Providence permet que de faibles instruments accomplissent de plus grands faits que les génies... »

XVI

Le lendemain, 5, le Sénat entendit, en faveur du projet, un très beau discours du conseiller Salles Torres-Homem (depuis vicomte d'Inhomerim), où il accabla d'éclairs et de tonnerres toute résistance, collective ou individuelle, à l'adoption de la grande mesure humanitaire.

Les jours suivants, le vicomte de St. Vincent, Octaviano, Candido Mendes et sept autres sénateurs prirent la parole en faveur du projet, s'alternant avec les opposants au nombre de sept, l'un desquels encore acceptait l'idée en elle-même.

Le 25, le vicomte de Rio-Branco occupa encore la tribune : « Les nobles opposants, dit-il, ne placent pas la question dans ses véritables termes. Le Sénat peut amender cette proposition comme tout autre projet ; mais le Sénat ne le veut pas, au moins il n'admet pas les amendements indiqués par les nobles sénateurs... Le ministère a été le premier à déclarer,

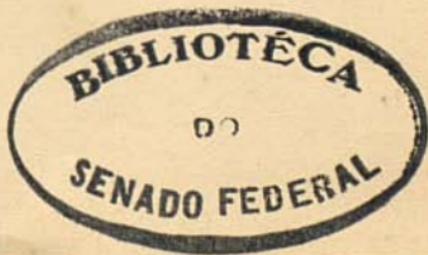
que si le Sénat jugeait dans sa sagesse, que cette réforme dût être ajournée ou qu'il y fallût des amendements, il recevrait ce vote comme émanant d'une sagesse supérieure et d'une plus grande expérience : mais c'est la majorité, la majorité de cette Chambre, composée de citoyens non moins éclairés que les nobles opposants, et qui apprécient non moins qu'eux leur indépendance et leur dignité, c'est cette grande majorité qui entend que la réforme doit passer et sans besoin d'amendements proposés par les nobles sénateurs. (*Assentiment*). S'il en est ainsi, messieurs, pourquoi dire, qu'une si importante et si nécessaire proposition sort du Sénat démoralisée ? ! Non, messieurs, aucune loi n'est sortie du parlement avec plus de force morale, que n'en aura celle-ci. (*Applaudissements*).

« Une réforme qui résiste à tous les moyens, quels qu'ils soient, qu'on ait pu employer pour en retarder la marche et faire dévier l'opinion dans les deux Chambres, une réforme qui triomphe de telles épreuves et se trouve au point d'être acceptée par l'illustre majorité du Sénat, cette réforme, M. le président, se présente avec une grande force morale, quoique veuille dire le contraire un petit nombre d'opposants. (*Adhésion.*) »

Et, dans le même discours, en réponse à une allégation sophistique de la nullité des mesures

adoptées par le Sénat pendant que la Chambre des députés ne tenait plus de séances, et, comme on le prétendait, ne fonctionnait pas, attentive en vérité à une nouvelle discussion du projet de loi qu'elle-même avait voté, le vicomte de Rio-Branco montra que cette position, dans d'autres Etats représentatifs et au Brésil même, n'était pas nouvelle, et qu'elle n'entraînait nullement la conséquence qu'on en faisait découler, y ayant d'ailleurs, pour résoudre une telle question, supposé qu'elle existât, l'argument sans réplique qu'entre les deux Chambres législatives, qui sont dans une parfaite indépendance mutuelle, cet équilibre serait rompu, si l'une d'elles pouvait, par la suspension de ses séances, entraver et limiter l'action de l'autre.

« M. le président, dit pour conclure le vicomte de Rio-Branco, soit que nous considérons la lettre de notre Constitution, soit que nous nous en rapportons aux antécédents, la doctrine des nobles sénateurs opposants n'a pas lieu d'être admise (*Assentiment*). Le Sénat procède constitutionnellement, et il commettrait une faute, il manquerait à un grand devoir, s'il ne se gardait pas de surseoir à la discussion de cette réforme, uniquement parce que quelques membres de la Chambre des députés, pour une raison ou pour l'autre, auraient quitté leur poste ou manqué à se réunir. »



XVII

Le 26, la discussion était épuisée ; tous les orateurs inscrits avaient parlé le nombre de fois que le règlement détermine, et le public, au dehors, soupçonnant déjà des lenteurs calculées, donnait des signes évidents d'impatience. La faible opposition qui existait dans la Chambre dut s'avouer qu'il n'y avait plus de procrastination possible. Le bruit commença à se répandre, que ce serait le lendemain qu'aurait lieu le scrutin de la grande mesure.

Le jour suivant, en effet, le 27, après quelques observations de trois sénateurs, personne ne demandant plus la parole, il se fit un profond silence qui se maintint pendant qu'on recueillait les votes : il ne fut rompu que par la proclamation solennelle que fit le président du Sénat de la loi d'émancipation.

A l'instant même, les acclamations du peuple, sur la place, donnèrent un libre cours à l'immense joie, qui portait les traces d'une longue anxiété. Une profusion de fleurs tomba des galeries sur la partie de la salle où le vicomte de Rio-Branco, dans les bras de ses amis, sénateurs, députés, diplomates étrangers, pouvait à peine se mouvoir.

Une ovation spontanée le saisit et le porta jusqu'au milieu d'une foule toute livrée à l'enthou-

siasme de cette œuvre de libération. C'est en ce moment, que le ministre des Etats-Unis ramassa quelques fleurs, en témoignage, dit-il, de ce que payait le Brésil pour une transformation, qui avait fait verser des flots de sang à l'Amérique du Nord.

Les manifestations d'allégresse se propagèrent rapidement partout : assemblées provinciales, chambres d'édilités, corporations de toute nature rivalisaient de marques passionnées de sympathie pour le principal auteur de cette réforme. Pendant plusieurs jours, des processions de citoyens se portèrent à sa résidence, précédées par des corps de musique.

A Saint-Paul, les étudiants de la faculté de droit firent une brillante réunion en signe de joie et de reconnaissance.

A Minas, le peuple en délire courut au pilori, et le renversa.

XVIII

Le conseiller Octaviano, un des hommes les plus remarquables du Brésil, ainsi que l'un des chefs les plus influents du parti libéral, avait dit avec raison, dans la séance du Sénat du 12 septembre : « Il est juste de convenir que la meilleure partie de toute la gloire de cette détermination législative appartient au président du conseil, pour avoir su entendre la voix nationale et cherché à lui

donner satisfaction, sans crainte de s'exposer à la mauvaise volonté de ses propres co-réligionaires.

« Après la réforme des lois des céréales en Angleterre, un auteur contemporain, juge impartial, avoue qu'on devait bien à l'illustre Cobden et à ses amis le progrès de la raison publique sur ce point, mais il ajoute : le service rendu par Sir Robert Peel n'en est pas moins grand, lorsqu'il assumait la tâche délicate et pénible de lutter avec ses amis, pour leur faire admettre la réforme libérale.

« Sans son concours, il est vrai, cette réforme se serait faite, mais plus tard, avec plus de résistance, plus d'animosités, de plus grands sacrifices, à coup sûr plus de préjudice pour le parti conservateur, et peut-être par l'anéantissement même de ce parti, qui est surtout essentiel au mécanisme des institutions démocratiques. »

Ce fut une heureuse inspiration du sénateur Octaviano que d'appliquer ces observations à l'homme d'Etat brésilien qui, pour l'honneur de l'humanité, pour celui du parti conservateur, n'a eu à supporter les mêmes amertumes que Sir Robert Peel, et, ainsi que nous l'avons marqué par anticipation, au commencement de cette ébauche biographique, a mérité l'honneur de fermer le cycle humanitaire de Wilberforce.

Nj/349

03-01-R20

OCTAVIANO 32

